

GÊNERO E SIMBOLOGIA: CRIANÇAS AFRODESCENDENTES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA PERIFERIA DE GUANAMBI

Adelice Pereira de Jesus (PPGELS/UNEB)¹
Edilane de Jesus Gomes (PPGELS/UNEB)²

Resumo: O presente estudo tem como objetivo relatar os desafios encontrados no estudo de gênero com alunos, na maioria afrodescendentes na sociedade guanambiense (Guanambi-Ba), sujeitos históricos, vítimas da simbologia de gênero e visa a investigar como a violência simbólica presente nas series iniciais do ensino fundamental dificulta o processo de equidade entre gêneros masculino/feminino presente na educação básica que se inicia na educação infantil e perpassa por todos os níveis escolares. No intuito de elevar o conhecimento dos alunos, a maioria, afrodescendentes com vulnerabilidade social e discutir comportamentos de papéis masculinos e femininos nas relações interpessoais na sociedade, bem como, se tornarem sujeito protagonista do saber construído historicamente, este, que possibilita o preconceito contra mulheres que foram invisibilizadas na história enquanto sujeitos de direitos. Efetuamos oficinas sobre igualdade de gênero, capazes de desconstruir estereótipos que inferiorizam os papéis das mulheres na sociedade. No momento da intervenção aplicamos entrevistas com crianças estudantes da classe de 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos, pautados em estudos feministas, Scott (1990) Soheit (1988). Louro (1997) onde propomos analisar como atividades pedagógicas sobre igualdade de gênero podem promover a equidade binária na escola, com a valorização da autoestima, autoimagem e desmistificando aspecto socioculturais, elevando a aprendizagem das igualdades entre os seres humanos, enquanto construtores históricos: ativos, reflexivos e conscientes dos papéis de gênero socialmente construídos.

Palavras-chave: Afrodescendentes. Gênero. Violência simbólica.

Introdução

O presente estudo tem como foco principal investigar a violência simbólica nas series iniciais do ensino fundamental e como a prática dificulta o processo de equidade entre os gêneros masculino/feminino presentes na educação básica, partindo da premissa de estudar alunos afrodescendentes da escola municipal professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos no município de Guanambi, enquanto sujeitos históricos, vítimas da simbologia de gênero. Tendo em vista que é uma violência “invisível”, abordada por meio de comunicação e

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) --Campus VI/ Caetitê. Graduada em Licenciatura em Pedagogia e História Professora da educação de jovens e adultos do Ensino Fundamental II, da rede municipal de Palmas de Monte Alto -Ba. e do ensino fundamental I em Guanambi-Ba. E-mail:minga27@hotmail.com

² Mestranda pelo Programa de Pós- Graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade- PPGELS na Universidade do Estado da Bahia- UNEB/DCH VI. Graduada em Letras com Habilitação em Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB/DCH VI. Integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso- AUDiscurso/CNPq. Email: lannyedigomes@gmail.com



conhecimento que constitui em um vínculo de subjugação e submissão que resulta em dominação, no qual o dominado o recebe como natural em que essa realidade é permeada.

Faz-se necessário estudar a violência simbólica, no intuito de elevar o conhecimento dos alunos afrodescendentes com vulnerabilidade social para se tornarem sujeito protagonista do saber construído historicamente, uma vez que este possibilita o preconceito contra mulheres que foram invisibilizadas na história enquanto sujeitos de direitos. Partindo dos pressupostos teóricos baseados em Scott (1990), Soheit (1988) e Louro (1997) sobre conceitos feministas e violência simbólica, e assim contribuir com atividades promovam igualdade de gênero na escola, como a valorização do auto estima, auto imagem e desmistificando aspecto socioculturais.

A escolha do estudo de gênero, a partir do *lócus*, escola municipal professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos, situada no bairro periférico Novo Horizonte na cidade de Guanambi, que atende crianças na maioria afrodescendentes nas series iniciais do ensino fundamental, se deve ao fato de que as observações possibilitaram detectar como os meninos tratam as meninas com preconceito em determinadas atitudes no ato do brincar, onde estas eram impelidas em participar de determinados esportes por serem mulheres e “fracas”, resolvemos promover oficinas educativas que propiciassem o reconhecimento da igualdade de gênero entre os estudantes.

Ainda, no mesmo estudo, Chartier (1995, p.40-44) afirma que ao “definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação [...] é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal”.

Tal explicação se completaria, entre outros, ao compreendermos que no processo educacional pouco se registrou sobre o papel social das mulheres na história que segundo Júdice (1994) “[e]ra proibida a co-educação dos sexos, não só devido à rígida moral católica como, igualmente, devido à certeza da ciência hegemônica na época acerca das diferentes aptidões entre homens e mulheres”. O ambiente educativo, em todos os níveis da educação básica, mostra de modo ainda intenso o que poderíamos chamar de sexismo institucional, ainda que expresso de modo contraditório por seus “agentes” visto nem todos concordarem, ao menos intencionalmente, com qualquer discriminação baseada nesse tripé de raça, gênero e sexualidade. Há pesquisas que comprovam a existência de práticas discriminatórias nas escolas por parte de crianças, adolescentes e jovens.

Para Scott (1988, p.2) “gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



e homens”. Outrossim, os danos da violência doméstica nas crianças e jovens quer para as vítimas, quer para a sociedade em geral, torna-se de extrema importância referir também os principais impactos nas crianças e jovens no processo de crescimento pessoal. Nessa perspectiva, é cabível dizer que esses processos acarretam nas relações sociais.

Corroborando com esse pensamento Soheit (1997, p. 7-29) ressalta “São inúmeros os motivos utilizados que defendiam a submissão feminina em contraposição à dominação masculina. Os órgãos genitais se tornaram fontes de reflexão e entendimento do homem como possuidor da força, da majestade, da coragem e da razão”. Assim, exponho a reflexão de que tanto as manifestações espontâneas do capital cultural, quanto as contribuições da escola tendem a se tornar cada vez mais atuantes a medida que o aluno avança nas séries.

Segundo Louro (1997, p.24), “discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. A escola por si só é reprodutora das desigualdades, de modo irrevogável em todas as esferas”. Louro (1997) reconhece a importância de algumas características das propostas educativas classificadas, genericamente, como constituintes da "pedagogia feminista", seja pela visibilidade que essas adquiriram em algumas sociedades, seja pelo caráter de "modelo" que assumiram.

Metodologia

Para a construção deste trabalho foi realizada oficinas com alunos do 3º ano “A” do ensino fundamental da escola municipal professora Ivone Fernandes Ribeiro dos Santos situada na cidade de Guanambi -Ba, para observar a evidência do preconceito de gênero entre o alunado em processo educacional, ao iniciarmos as atividades constatamos em uma da questão solicitadas aos alunos cuja pergunta era: Quais são suas brincadeiras preferidas? Notamos que todos os alunos de ambos os sexos, gostavam de inúmeras brincadeiras, sem diferenciar o gênero através delas, entretanto ao fazermos perguntas mais específicas sobre esta temática notamos a categorização das brincadeiras na concepção binária- homem/mulher, evidenciando o conceito de gênero no senso comum comprovada na pergunta posterior da atividade, de quais brincadeiras seriam adequadas para crianças do sexo feminino e masculino. Assim, na etapa da oficina em duplas, os/as alunos/as listaram brincadeiras socialmente consideradas como de meninos e de meninas. Em seguida, foram convidados a representá-las por meio de desenho, colagens ou outros recursos. Após essa etapa, cada dupla

apresentou sua produção. Oportunidade específica para desmistificar questões de gênero e romper com comportamentos de discriminação e preconceito relacionados ao fato de algumas crianças escolherem brincadeiras diversas, independentemente de serem meninos ou meninas.

Em outro momento da oficina, com entrevistas realizada com 19 alunos do 3º ano da educação básica, dentre esses, 17 afirmaram que meninas devem brincar de bonecas, casinhas e similares a dona de casa, enquanto que os meninos poderiam brincar de bola, futebol esconde-esconde entre outros, por serem fortes e ágeis, pensamento este, que reforça o estereótipo da força e inteligência masculina no meio em que está inserido e o assistencialismo e servidão feminina através dos afazeres domésticos e papéis sociais definidos historicamente.

Todavia, por estarem em formação e não compreenderem a dinâmica do próprio corpo e sexualidade, a escola, enquanto espaço de formação tem papel importante em levar os conhecimentos sobre a temática, que muito aflije vidas de crianças / adolescentes agravando-se quando insere o binômio raça / classe social no desígnio de conscientizar sobre a igualdade de gênero nas particularidades de cada ser.

Para tanto, no intuito de desconstruir preconceitos e fomentar concepções de gênero, raça e sexualidade livres de estereótipos. Utilizamos como orientação o manual Publicado pela Universidade de São Paulo (mais especialmente pelo NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero) e pela CECAE (Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e Atividades Especiais) que é distinto dessas outras publicações, intitulado Ensino e Educação com Igualdade de Gênero na Infância e na Adolescência, o guia procura introduzir o conceito de gênero e propõe uma série de estratégias para promover a igualdade de gênero.

Outrossim, este trabalho visa demonstrar a importância de trabalhar gênero nas séries iniciais do ensino fundamental. Observando se os/as alunos/as conseguem compreender o conceito de gênero e sexualidade humana para além dos aspectos físicos e biológicos.

Há muitas formas de trabalhar a questão de gênero e raça no cotidiano escolar, para além das datas comemorativas como dia da mulher ou da consciência negra, que são importantes, mas não podem ser a caixinha criada para a discussão.

Análise e discussão

Frente ao exposto, através da entrevista com alunos afrodescendentes das séries iniciais do ensino fundamental da referida escola, percebemos que a violência simbólica se encontra presente nas ações cotidianas das crianças do 3º ano em todo espaço escolar,



especificamente nas aulas de Educação física, onde os meninos detêm a concepção que as capacidades dos meninos são superiores e subestimaram as das meninas. Até mesmo ao questionar, quais cores ficam mais bonitas entre as crianças masculinas/femininas, os 19 entrevistados acham que rosa ficam melhor em meninas e 17 alunos de ambos os sexos afirmaram que azul fica melhor em meninos, mesmo tendo como opção que todas as cores ficariam melhor em qualquer criança independentemente do gênero, desvelando assim a simbologia violenta do gênero construído historicamente sobre a inferioridade feminina.

Confirmando tal pressuposto, na última questão analisada, depois de aulas sobre a igualdade de gênero com oficinas, vídeos entre outras práticas, perguntamos: você já sabe como conviver com as diferenças e respeito com homens e mulheres? Conte uma história que você já presenciou de violência simbólica entre os gêneros feminino/masculino. Dos 19 alunos presentes em classe 10 já presenciaram violência física contra mulheres na própria família ou vizinhança, destas 14 ressaltaram a falta de divisão dos afazeres domésticos em casa, sendo estes, realizados somente pelas mulheres, efetivando a presença da violenta simbologia de gênero e papéis determinados por sexo na concepção binária.

Diante das discussões podemos sustentar que os resultados foram obtidos, a partir de entrevistas e atividades pedagógicas capazes de fazer com que as crianças analisadas percebessem a igualdade de gênero, respeitando as diferenças em todas as esferas: social, gênero, raça, física e econômica. Portanto, faz-se necessário discutir gênero na educação escolar principalmente pelo preconceito que as crianças sofrem em relação à sexualidade e ao machismo.

Conclusão

A violência nas escolas, especificadamente de gênero, ainda é um assunto velado na sociedade em que vivemos onde as crianças que demonstram em sua identidade características não convencionais sofrem preconceitos precocemente, e os meninos também acabam por desenvolver ideias machistas e perpetuar estes estereótipos.

Enfim, este é um espaço propício para que sejam criadas relações mais igualitárias, conseguinte é inviável imaginar uma educação sem discussões acerca da diversidade. A negação a este ato é preocupante, pois, poderemos retroceder no que tange às práticas saudáveis nas relações humanas. Não discutir com nossas crianças, jovens, adultos e idosos acerca desses temas é omitir uma educação fundamentada nos quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser, apresentados por

Jacques Delors. A discussão deve existir. E que está seja desenvolvida em termos essencialmente didáticos.

Em virtude dos fatos mencionados acima, chegamos a conclusão que é possível pensar temas integrados em que estes recortes estariam presentes nas leituras e produção de textos escritos, imagéticos, no conhecimento histórico, na arte, nas oficinas com brinquedos, nas reflexões sobre o trabalho humano na sociedade e na família, na reflexão sobre a violência contra mulheres adultas e crianças.

Referências

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica. In: **Cadernos Pagu** (4). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

JUDICE, Norimar. **Texto, Mulher e Discurso na Virada do Século**: produção e reprodução, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero e a Política da História**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1988.

SOIHET, Rachel. **Violência simbólica**: saberes masculinos e representações femininas. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, 1997.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-NEMGE/CECAE (1996). **Ensino e educação como igualdade de gênero na infância e na adolescência**: guia prático para educadoras. São Paulo. NEMGE/CECAE.